CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - **Subeditor:** Marcos Paulo Lima E-mail: *esportes.df@dabr.com.br* Telefone: (61) **3214-1176**

Caribé fica a 18 centésimos do pódio

O brasileiro Guilherme Caribé passou perto do pódio na final do 100m livre no Mundial de Esportes Aquáticos, disputado em Cingapura. Ontem, o baiano de 22 anos terminou em quarto lugar, com o tempo de 47s35, o segundo melhor da vida dele. O vencedor da prova foi o romeno David Popovici, com 46s51, novo recorde em Mundiais e segundo melhor marca da história. O americano Jack Alexy (46s92) e o australiano Kyle Chalmers (47s17) ficaram com a prata e o bronze.

ENTREVISTA
THIAGO PEREIRA

Prata nos Jogos Olímpicos de Londres-2012 nos 400m medley, ex-nadador defende investimento na base e educação física como disciplina obrigatória com peso de reprovação nos ensinos fundamental e médio

Léo Barrilari/COB

Thiago Pereira na Vila nos tempos de atleta profissional

William Lucas/COB

Comportamento de dirigente nos principais debate do esporte

Satiro Sodre/Agencia Brasil

Engajamentos nos eventos do Comitê Olímpico do Brasil

"Esporte na escola virou recreação"

MARCOS PAULO LIMA*
Enviado especial

São Paulo — Aos 39 anos, Thiago Machado Vilela Pereira, medalhista de prata nos 400m medley nos Jogos Olímpicos de Londres-2012, comporta-se menos como atleta, veste-se cada vez mais alinhado no padrão de dirigente e discursa com a veemência de um político no púlpito do Congresso Nacional. Nascido em Volta Redonda (RJ), o ex-nadador inicia a entrevista exclusiva ao **Correio Braziliense** *com uma forte crítica à preocupação com medalhas em Los Angeles-2028. "Estou mais preocupado com a base do Brasil do que com a alta performance", dispara. O argumento é sustentado com ataques ao ensino fundamental e médio do país. Ele bate, mas apresenta soluções. Uma delas, dar à prática da educação física obrigatoriedade e peso de reprovação. "Se a gente não começar a ver desde baixo, a gente vai ter um gap (brecha), e daqui a pouco não vai ter base", adverte. Ele também alerta para o risco de pressionar jovens talentos como Guilherme Caribé, uma das maiores esperanças da natação do país neste ciclo para o megaevento, e o tenista João Fonseca, novo xodó do país.*

Satiro Sodre/Agencia Brasil

Como avalia o estágio da natação brasileira para Los Angeles-2028?

Eu respondo igual falo para o La Porta (presidente do COB). Estou mais preocupado com a base do Brasil do que com a alta performance. A gente tem que parar com Olimpíada, Olimpíada... Se a gente não começar a ver desde baixo, a gente vai ter um gap (brecha) e daqui a pouco não vai ter base. Se você olhar os Estados Unidos, hoje eles têm 300 mil atletas federados. A gente tem 13 mil.

Vivemos muito o agora e esquecemos do amanhã?

Aparece um cara tipo o João (Fonseca). Tudo é o João no tênis. Ele vira o último atleta do universo. É ruim até para o atleta, uma pressão em cima de um cara só.

Outros times olímpicos evitam individualidades?

Será que se não existisse o (Michael) Phelps, a pressão seria igual? Será que ele viraria 28 medalhas olímpicas? Se ele fosse o diamante dos EUA, porque ali ele dividia com o Aaron Pearson, com astros da NBA. Temos que começar a olhar para a formação. Lógico, não tem como parar. Você tem Los Angeles, a Olimpíada de Brisbane-2032, mas o Laporta está focado na base da pirâmide. Se não houver essa interação entre o COB, as confederações e o governo, como tem, não vai sair. O governo não vai fazer sozinho e não tem como o privado fazer sozinho.

Está satisfeito com o novo COB?

A nova gestão está com o que é a minha maior preocupação. Hoje, o esporte na escola virou recreio. Ninguém mais pratica nada. As crianças estão com depressão. Os pais sabem que mais velho, quando você está com (síndrome de) burnout, você tem que praticar esporte, mas também não estão incentivando. Ninguém brinca na rua, ninguém pratica, a educação física não é obrigatória.

O que você ouve nas ruas?

Pô, Thiago, mas precisa de muito investimento. Não sei. Quanto é uma canetada agora para a educação física ser uma matéria que repete? Quanto custa? Nada. Acho que é obrigar a educação física, mesmo, como é a matemática. Nossa maior ferramenta para o esporte, a educação física, está largada. Obviamente tem a alta performance, mas não vai se sustentar.

O que mudou?

Nos anos 1990, havia muito mais competição. Tinha interclasse na minha cidade. Hoje, não existe mais. Eu vou vendo por base Volta Redonda (RJ). Tinha interclasse em todos os colégios. Eu fiz. Muita gente fez, animava, dava empolgação. Hoje não existe mais. A gente não evoluiu. A gente, na verdade, andou um pouco para trás.

Como equilibrar essa balança?

Alta performance, Guilherme Caribé, é o assunto, claro, o trabalho principal, óbvio. É mais normal falar da alta performance. Essa preocupação com a base, se a gente não parar para olhar, é igual uma fábrica. A fábrica está passando aqui os carros. Se ele parar de passar por esse período, vai ser a mesma coisa. Ele vai continuar passando, só que vai ter um período que não vai passar nada. E aí ela volta. O esporte é um pouco disso.

Linha de produção...

Ninguém vai para uma Olimpíada da noite para o dia. Se a gente não começar a olhar para esse sentido como um todo... Não estou falando só de esporte, mas como um todo, para criançada, relacionamento, menos disso (aponta para o celular). Tudo é muito novo, a rede social, até para os pais.

Agora o COI sente a pressão dos e-games.

Não é que é só você sentar e jogar videogame. Você tem que ter uma preparação. Fazer um esforço. Quando você vira profissional, você ainda caminha.

Está feliz com a nova gestão?

Honestamente, estou muito feliz. Parabenizei muito. Adoro a Yane (Marques), o Emanuel (Rego), os diretores que voltaram. A Manoela Penna, que voltou. O próprio Marcelo Virdo foi meu diretor no Minas, em 2003, 2004. Torço muito para que seja um ciclo marcante. E não só visando resultados e medalhas na Olimpíada, mas que seja um ciclo marcante, principalmente, na base.

Sob pena de...

Se a gente não começar agora, não vamos ver isso em Brisbane-2032. Isso aí a gente vai ver em 2036. A gente tem que conversar agora. Se você começar a olhar, as pessoas buscam pouco (esporte). Como eu estou muito envolvido com o Instituto (Thiago Pereira), Combatendo o Afogamento, você começa a observar isso. Eu não sabia que educação física não tinha mais obrigatoriedade...

Qual é o sentimento?

Revolta, porque o esporte não tem nada de negativo. O esporte encerrou guerra. É saúde, educa, ensina a ganhar, a perder, disciplina, resiliência. Não é só a culpa das confederações. Não tem nada a ver. Eu acho que é a culpa do governo. Os pais também têm muita culpa por isso. Sou pai. Em casa, tem que praticar esporte e eu vou apoiar. É o intuito da prática, daquele frio na barriga. Antes de um jogo, antes de um negócio. É o que a gente sente depois de mais velho. Só que naquela época, a gente pode errar. E não é só a base do esporte olímpico que preocupa. Futebol também.

O problema é generalizado na sua visão?

Se a gente parar para pensar nas últimas Olimpíadas, por mais que todo mundo fale, 'ah, mas o time da Olimpíada é com os mais jovens.' De todo mundo é. Dos outros países também era a mesma idade. A gente levou os mais velhos.

Estamos passando um processo difícil no vôlei também.

Pra você ver. Se você chegar nas escolas hoje, não vai ver a galera jogando vôlei. Muitos vão estar aqui (aponta mais uma vez para o celular). Não julgo professor. Cada um tem sua dificuldade. Não vai dar pra mudar tudo de uma vez, mas eu acho que, uma hora ou outra, a gente tem que dar um primeiro passo.

Qual é o primeiro passo?

A educação física se tornar uma matéria mais importante nas escolas. Não demanda investimento. Não demanda um real.

Pensa em virar parlamentar?

Ah, você é mais um. Eu fui para Belo Horizonte esses dias, todo mundo me convencendo. Tiago, vai para a política, vai para a política. Aí vem mais um (risos). Eu gosto de dar a minha opinião.

A paternidade o deixou mais engajado?

Quando você tem filho, começa a ficar mais atento, vai percebendo as coisas. Aí que eu me toquei. Eu não sei nada. Isso é uma das coisas que mais me preocupa.

A sua tese é de que a base demanda a mesma atenção da performance do Caribé.

Mas você entendeu o porquê? Daqui a pouco ele sai, como vai ser em 2032? A minha geração viu Ricardo Prado, Gustavo Borges, Xuxa, Rogério Romero. A gente viu os os caras nos anos 1990. O Gustavo (Borges) ganhar medalha, o Xuxa. Imaginei: será que um dia estarei lá? Faltam essas imaginações. Olha toda a minha geração, o Cielo, o Guido, o Léo de Deus, a gente assistiu os anos 1990.

A ginástica artística é referência?

A ginástica tem feito um trabalho sensacional. É uma das melhores confederações. Quando o trabalho é bom, tem que elogiar. Eles são uma contribuição, um exemplo. Estão sempre renovando, inovando, menina nova. Daiane, Jade, Rebeca, até que chegou esse mundo de medalhas.

Falta sintonia entre atletas e modalidades?

Falta também até a gente mesmo, os atletas mais velhos. Eu gosto muito de estar presente, mas falta essa junção. A gente tem que começar a levantar uma bandeira só, que somos do esporte. Independentemente se o Thiago é da natação, se o Maurício era do vôlei, se o Hortência é do basquete, e se todo mundo concorda ou não.

E isso começa em casa...

Eu falo isso para o meu filho: aprender a nadar é obrigatório. Aprendeu? Não quer mais? Beleza, Mas não vai ficar em casa, vai para outro esporte. Quer fazer qual? Basquete? Voltar para casa não vai sem fazer nada. É o jeito que fui criado. Criado em clube. Ficava lá, jogava o dia inteiro, bagunçava, jogava futsal, vôlei, basquete.

Bruno Fratus disse que Guilherme Caribé está pronto para LA-2028. Concorda?

Está indo para a terceira (Olimpíada). Está superbem. Tem que manter. É até legal a gente fazer essa conversa em 2025, porque normalmente aconteciam só no ano olímpico. A gente está falando três anos e meio antes. Ele tem muito trabalho pela frente. Uma coisa que eu sempre falei na natação: balizamento não ganha prova. Você pode chegar lá ranqueado, pode ser o (Michael) Phelps, que não interessa. Tem que chegar na hora. Todo mundo é humano e pode ser humano para ele, pode ser humano para mim. É um contexto.

Brisbane-2032 pode ser a Olimpíada dele?

A primeira Olimpíada ali foi uma grande dificuldade. Todo rolo que foi, aquilo tudo. Veio Paris-2024. Vendo por esse cenário, realmente. Por esse cenário, tudo caminhando para ser a melhor Olimpíada dele. A minha medalha veio na terceira, né?

*** O repórter viajou à convite do Comitê Olímpico do Brasil (COB)**